

O Mundo é um Palco: Experiência de Oficinas de Teatro na Saúde Mental

All the World's a Stage: Theatre Workshops Experience in Mental Health

RESUMO

O presente trabalho objetiva descrever a experiência das atividades desenvolvidas no Grupo de Teatro relacionadas ao projeto de cultura e extensão “Teatro e Saúde Mental” iniciado em 2010. Trata-se de uma abordagem qualitativa e descritiva das atividades de desenvolvimento do Grupo de Teatro e sobre os resultados obtidos como desdobramento do *projeto*. A leitura dos resultados advindos da exploração da vivência dos facilitadores do grupo, somado ao material obtido das discussões pós-atividades resultaram em três categorias: *Quando abrem-se as cortinas: o grupo*; *A encenação do Eu e do Nós* e *Os bastidores*. Pôde-se verificar que, ao estimular diferentes habilidades gerais, tais como criatividade, atenção, orientação, memória, raciocínio, reflexão, sensibilidade, expressão vocal e corporal, criou-se elementos para uma relação profissional-paciente menos engessada e mais contextualizada. Além disso, através da valorização dos participantes, foi possível despertar sentidos, emoções e trocas de vivências, bem como estimular o pensar e o desenvolvimento cognitivo-comportamental e de habilidades sociais de cada qual, cujas experiências vividas no grupo desvelaram-se como referência para as situações reais do cotidiano. Percebeu-se que o teatro é um instrumento de promoção de mudança social, por isso, considera-se importante utilizá-lo com maior frequência nos ambientes clínico e terapêutico, bem como estimular o interesse de mais pesquisadores da Saúde a realizarem abordagens sobre os impactos da Arte nesses contextos.

Palavras-chave: Teatro. Saúde Mental. Comunicação.

ABSTRACT

The present work is aimed to describe the experience of the activities developed in the theatre group resulting from the project of culture and university extension entitled "Theatre and Mental Health", which started in 2010. It is a qualitative and descriptive study of the theater group development and the results obtained through the

EDILAINÉ CRISTINA
DA SILVA, GHERARDI-
DONATO, MARIA
NEYRIAN DE FÁTIMA
FERNANDES, CARLA
ARAÚJO BASTOS
TEIXEIRA E LARISSA
BESSANI HIDALGO
GIMENEZ

Universidade de São Paulo.
Escola de Enfermagem de
Ribeirão Preto, São Paulo,
Brasil

VINÍCIUS SANTOS DE
MORAES

Centro Universitário Barão de
Mauá. São Paulo, Brasil

project. The reading of the results arising from the exploration of group facilitators experience, associated with material obtained from post-activity discussions resulted in three categories: “*When the curtain rises: the group*”; “*The staging of me and us*”; and “*The backstage*”. It was verified that, by stimulating different general skills, such as creativity, attention, orientation, memory, reasoning, reflection, sensitivity, vocal and body expression, setting up elements for a more contextualized professional-patient relationship. In addition, through the participants perception, it was possible to arise meanings, emotions, experience exchanges and stimulate cognitive behavioral development and social skills of each participant, whose experiences were unveiled as a reference for daily situations. It was noticed that the theater is a social change tool, so it is considered important to use it more frequently in clinical and therapeutic environments, as well as to stimulate the interest of more health researchers to conduct approaches on the impacts of Art in these contexts.

Keywords: Theatre. Mental Health. Communication.

INTRODUÇÃO

“Eu considero o teatro como a maior de todas as formas de arte, o meio mais imediato com que um ser humano pode compartilhar com outro a consciência do que é ser um ser humano.” (Oscar Wilde)

Para o escritor inglês Oscar Wilde (1854-1900), o teatro é uma forma de arte grandiosa, porque permite aos indivíduos compartilharem uns com os outros o sentido real do que é ser um humano. Em outras palavras, o teatro surge como um mecanismo de estímulo à interação social, a qual é um elemento identificador do existir enquanto pessoa. Por isso, reconhecer as dimensões estéticas do teatro enquanto arte em projetos de saúde amplia as potencialidades do trabalho, transformando uma transação meramente funcional em um encontro criativo [3].

A interação criativa promovida pelo teatro é uma tática eficaz na promoção de mudança social, a qual pode ser percebida através da transformação psicológica, fisiológica, social e cultural dos indivíduos envolvidos no processo [22]. O sucesso dos encontros criativos está diretamente ligado ao processo de comunicação que, no contexto do teatro, precisa ser terapêutico e do tipo psicossocial.

A comunicação é um processo que permeia todas as habilidades sociais e ocupa um papel importante nos jogos teatrais. O processo comunicacional é linear e interpessoal, que envolve o intercâmbio de ideias e informações, por meio da linguagem verbal e não verbal, influenciado pelos sentimentos e emoções dos indivíduos envolvidos no processo [7]. A relação entre o emissor e o receptor da mensagem é acentuada no ambiente terapêutico do teatro, pois esses participantes são envolvidos em um ato de improvisação que afeta não apenas a psique, mas também as habilidades de interagir e comunicar-se [16].

No âmbito da Saúde, existem dois estilos de comunicação: a biomédica e a biopsicossocial. A comunicação biomédica é focada na informação e concentra-se em transmitir para o paciente códigos e sinais específicos sobre suas condições de saúde,

nesse caso, o paciente é um agente passivo, porque apenas recebe a informação. Por outro lado, no estilo biopsicossocial de comunicação, o paciente, por ser o agente central do processo, sofre impactos positivos mais visíveis na sua evolução de saúde. Portanto, no cenário terapêutico, o estilo de comunicação biopsicossocial deve ser adotado de um modo semelhante ao do teatro terapêutico, quando o paciente é o protagonista do processo de comunicação [16].

Como instrumento terapêutico, o teatro vai além da expressão artística, pois é uma atividade que envolve o relacionamento e o desenvolvimento de habilidades sociais nos indivíduos em geral, principalmente naqueles que apresentam sofrimento psíquico ou transtornos mentais. Os indivíduos portadores de transtornos mentais são, em diversas situações, marginalizados pela sociedade e desfrutam de poucas oportunidades de serem ouvidos. O teatro oferece um contexto em que histórias são ouvidas, ajudando os participantes a significarem eventos que poderiam, em outras situações, ser ignorados, escondidos ou relacionados a sentimentos de vergonha ou culpa [15; 18].

Os jogos teatrais são procedimentos lúdicos que possuem regras explícitas e a expressividade dramática exercida nesses jogos evidencia a tendência do ser humano para a representação, experimentando papéis e vivendo situações [21; 4]. As regras explícitas dos jogos teatrais podem contribuir no favorecimento dos processos educativos e terapêuticos, pois sua carga catártica permite que o indivíduo seja ele mesmo, exercendo, dessa forma, a liberdade e a saúde mental. Assim, pode-se considerar que a inserção de jogos teatrais na assistência a pacientes psiquiátricos vai além do tratamento da doença, porque cria espaços de comunicação aberta para o livre exercício das habilidades físicas e mentais de forma lúdica [11; 1].

No contexto do teatro, o indivíduo apropria-se de fragmentos de si próprio e do outro para construir uma ficção composta pela imaginação. Assim, esse indivíduo desenvolve-se a partir do improviso de atos conflitantes e treinos espontâneos que procuram aguçar a sensibilidade dos participantes para melhorar a habilidade de comunicar sentimentos e pensamentos tanto verbal quanto gestualmente. O teatro é o desenvolvimento de um jogo em que os papéis são estabelecidos com a liberdade de determinar ou não um objetivo terapêutico. O processo grupal do teatro é mediado por um facilitador e a performance é realizada pelos participantes. Após a performance, realiza-se uma discussão para lidar com as questões que surgirem, provocadas e evocadas durante o processo terapêutico do jogo teatral [12; 16].

As habilidades interpessoais como: ouvir, escutar, prestar atenção, ter empatia, transmitir informações e apoiar são desenvolvidas durante os atos de improvisação dos jogos teatrais [12]. A essência da improvisação é a transformação, a qual ocorre a partir da abertura para entrar em contato com o outro e com o ambiente ao redor. Assim, o indivíduo atua sobre esse ambiente, permitindo a si e aos outros trabalharem em conjunto para a solução dos problemas estabelecidos no jogo [24].

Nesse contexto, o teatro se constitui como ferramenta importante para o favorecimento da comunicação do tipo psicossocial entre profissional e indivíduo, de forma bilateral, auxiliando o relacionamento terapêutico no âmbito da saúde mental. Partindo desse cenário, este relato pautou-se no seguinte questionamento: Como é executado um grupo de teatro em uma unidade de semi-internação? Dessa forma, propõe-se descrever

a experiência das atividades desenvolvidas no Grupo de Teatro (GT) no Hospital Dia.

MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de uma abordagem qualitativa e descritiva das experiências, realizada por meio de observação participante das atividades do grupo que incluem as oficinas e as reuniões ocorridas durante o desenvolvimento do GT do *projeto de cultura e extensão* nº. 8717 intitulado “*Teatro e Saúde Mental*” e os resultados obtidos como desdobramento do *projeto*. Seguindo as diretrizes de ação da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão da Universidade de São Paulo, o *projeto* compõe o rol de atividades da Universidade que viabilizam o intercâmbio de saberes entre a academia e a sociedade. O *projeto* é desenvolvido no Hospital-Dia da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (HD-FMRP-USP) desde sua aprovação pelo serviço em 2010.

O “*Teatro e Saúde Mental*” atende aos usuários do HD-FMRP-USP, os quais permanecem no serviço em regime de semi-internação. Nessa condição, os usuários passam o dia participando das atividades da instituição, dentre elas, a vivência nas oficinas do grupo de teatro, e retornam ao domicílio no final da tarde.

A leitura dos resultados foi advinda da exploração da vivência dos extensionistas atuantes como facilitadores no grupo somado ao material obtido a partir das discussões pós-atividades que ocorrem entre os facilitadores, profissionais do serviço e docente responsável ao final de cada oficina. Tanto as vivências e observações durante as atividades quanto as discussões pós-atividades foram registradas em relatórios semanais.

As atividades do *grupo de teatro* têm como principal objetivo proporcionar um espaço para desenvolver e aprimorar as habilidades criativas e saudáveis dos usuários do serviço de saúde mental, dentre elas a comunicação, através da linguagem teatral e do compartilhamento de experiências, criando e recriando significados para todos os sujeitos envolvidos. O processo é focado em atividades grupais, desenvolvidas semanalmente, a partir dos jogos teatrais de improvisação. O *projeto* possui um acervo de materiais cênicos para atividades teatrais e uma agenda cultural de atualização coletiva.

Os grupos ocorreram no HD-FMRP-USP, com duração de aproximadamente 1h30min e caracterizaram-se por serem grupos terapêuticos abertos. Além dos 16 pacientes em regime de semi-internação, os pacientes pós-alta também tiveram a liberdade de participar do grupo. As oficinas realizadas durante o trabalho do grupo enfocaram o desenvolvimento das habilidades dos participantes a partir de jogos teatrais, nos quais foram utilizadas técnicas de exploração sensorial, musicalidade, expressão corporal, ritmicidade, improvisação, coordenação motora e mobilidade corporal.

Após cada oficina, em datas previamente estabelecidas, os facilitadores se reuniam para realizar o intercâmbio de ideias e o *feedback* acerca do desenvolvimento das atividades. Nessas discussões, foram abordados aspectos pedagógicos e alinhamentos metodológicos para os encontros subsequentes. O material de registro das discussões baseados na observação das atividades e relatórios produzidos após cada GT foram lidos repetidas vezes para classificação e organização desses dados. A partir disso, foram tecidas reflexões, relações e interpretações visando apreender a experiência dos

facilitadores no GT. Foi considerada, além da descrição da experiência pelos facilitadores na realização do processo, a relação entre a vivência artística e o desenvolvimento das habilidades pessoais.

O GRUPO EM AÇÃO

As atividades do GT iniciaram-se em 2010 e atualmente conta com uma equipe de quatro alunos extensionistas, três doutorandos (Enfermagem) e um graduando (Fisioterapia), que conduzem os encontros semanais no HD e participam das reuniões de planejamento e avaliação das atividades. A partir do panorama obtido frente aos registros e percepções das experiências, sob a ótica dos facilitadores do GT, o conteúdo resultante foi distribuído em três atos: *Quando abrem-se as cortinas: o grupo*; *A encenação do Eu e do Nós e*; *Os bastidores*.

Quando abrem-se as cortinas: o grupo

Nas atividades do grupo, inicialmente, realiza-se uma roda de apresentação na qual os pacientes permanecem sentados em círculo na sala de atividades. Durante essa etapa, os participantes são convidados a dizer o nome e uma palavra/sentimento relacionado à temática semanal abordada. Em seguida, o facilitador se apresenta e acorda o funcionamento do grupo, discutindo aspectos como privacidade, confidencialidade, ética e sentimentos subjacentes, como a vergonha, e a liberdade de expressão. Nesse momento, dão-se as boas-vindas e estabelece-se o propósito do GT. Essas informações são repetidas a cada encontro devido ao caráter aberto do grupo e ao fluxo de pacientes que entram e saem do serviço mensalmente.

Em seguida, os participantes são convidados a levantarem-se das cadeiras e iniciar o trabalho de aquecimento corporal. Nessa etapa, são realizados exercícios de alongamento compatíveis com as limitações individuais dos participantes do grupo e outros exercícios com o intuito de “despertar” o corpo para a atividade. No contexto da saúde mental, essa etapa é primordial, pois ajuda os pacientes a retomarem o contato com o corpo. São respeitadas condições extras como dificuldade de mobilidade física, troca recente de medicamentos e sintomas exacerbados. Após o aquecimento, segue-se com o estímulo vocal, sempre respeitando as condições singulares dos participantes.

A etapa seguinte compõe-se das atividades cênicas, nas quais se aplicam os jogos de improvisação. A atividade é proposta, explicada e acordada entre os participantes. Os facilitadores têm a função primordial de motivar os integrantes mais resistentes. A atividade cênica é realizada em subgrupos, de forma que sempre existe uma plateia observando os demais subgrupos se organizando e funcionando.

Após apresentação de todos os grupos, inicia-se a discussão que inclui as dificuldades e facilidades encontradas na realização da atividade; o tema central da atividade; os sentimentos subjacentes; e o conteúdo que ficou marcado e será objeto de reflexão durante a semana seguinte. A seguir, o facilitador faz um *feedback* de pontos explorados e não explorados na discussão. Há a finalização da discussão do grupo e a despedida.

A encenação do Eu e do Nós

Durante o desenvolvimento do grupo, a comunicação, tanto verbal como não verbal, foi estimulada. Foi percebido, não só pelos facilitadores, mas também pelos integrantes do grupo que até os pacientes mais introspectivos ou com humor deprimido revelaram habilidades de comunicação através da expressão corporal, dramatização, observação e discussão das tarefas acordadas. Dentro da unidade grupal, formou-se uma atmosfera de espontaneidade na qual todos, independentemente de limitações cognitivas ou sintomatológicas, puderam se expressar e comunicar-se consigo mesmos, o “Eu”, e com o grupo, o “Nós”, dentro de cada vivência.

A percepção desse cenário desvela possibilidades terapêuticas, principalmente para aqueles que estão passando por dificuldades na comunicação verbal. As possibilidades de abrir-se como indivíduo e expor singularidades são exponencialmente ampliadas com a prática dos jogos teatrais. Dentro das vivências, foi possível abrir janelas de acesso ao “Eu” e foi possível a resignificação de aspectos do cotidiano através da vivência do “Nós” dentro do grupo.

Dentro da unidade grupal, foi possível observar a expressão dos sentimentos de aprovação e desaprovação, elementos presentes nas interações comunicativas. Esse tipo de liberdade de expressão deu ao participante a oportunidade de colocar-se como integrante real e ativo do processo. A liberdade pessoal e a exposição ao julgamento, que pode tanto criar oportunidades como criar bloqueios, foram trabalhadas e internalizadas na vivência do grupo. A expressão de grupo ou liberdade expressiva foi importante para garantir a segurança em expor-se de forma individual ou coletiva, perpassando os limites institucionais.

O ato de jogar esteve relacionado a um problema a ser solucionado, individualmente e em grupo, estimulando a cognição a fim de realizar o objetivo proposto. Outro elemento extremamente relevante foi a plateia que compôs um estilo de comunicação passiva e possibilitou a observação dos outros integrantes na formação de reflexões durante a discussão. As técnicas teatrais envolveram as habilidades de espontaneidade durante toda a exposição do ato cênico.

A transposição do processo de troca de experiências para a vida também foi observada. Essa estratégia visa garantir a retroalimentação da comunicação dentro do grupo e no seu exterior quando o participante leva a síntese do conteúdo trabalhado para sua vida cotidiana. Dessa forma, o grupo de teatro possibilitou a todos os participantes a oportunidade de comunicação perpassando diferentes níveis e esferas de alcance.

Os bastidores

A participação de estudantes de graduação e pós-graduação no *projeto* pauta-se na oportunidade de acompanhar o desenvolvimento do processo de criação das atividades que modificam a lógica biologicista do cuidado ao usuário em serviços de saúde mental. A possibilidade de participação ativa no planejamento e na execução das atividades amplia a troca de saberes e a aproximação do estudante com o portador de doença mental, culminando na valorização de ambos na sociedade.

A equipe de saúde do HD foi colaborativa, reconhecendo a importância da execução das oficinas e de seus benefícios ao trabalho multidisciplinar como um todo. Dessa forma, as oficinas foram integradas ao conjunto de atividades regulares oferecidas pelo serviço aos portadores de transtornos mentais em atendimento e também aos ex-usuários, os quais constituem a população pós-alta.

Os usuários foram receptivos às atividades, alguns inclusive mantiveram a participação após receberem alta do serviço. Para os participantes, as oficinas de teatro proporcionaram: momentos de alegria, criatividade e livre expressão de sentimentos, vivências que ajudaram a melhorar o cotidiano dos pacientes, estímulo da concentração, memória, atenção, confiança e linguagem, oportunidade de conhecer produções artísticas, com o reconhecimento de habilidades artísticas e a identificação com outras atividades culturais.

Além de vivenciar o processo artístico, o *projeto* manteve uma agenda cultural a partir da qual os usuários podiam obter informações sobre as atividades e eventos culturais da cidade, bem como trocar ideias e discutir essas produções de forma coletiva. No que tange à extensão universitária, o *projeto* consistiu o fio condutor que permeou todo o processo de desenvolvimento das atividades, por entender que a cultura é o esteio na qual se desenvolve a expressão e a relação humana em sua forma mais autêntica.

DISCUSSÃO

A *Oficina* no contexto dos jogos teatrais é o que se denomina nova proposta terapêutica, compondo naturezas diversas, em uma multiplicidade de formas, processos e linguagens [10]. A realização das oficinas de teatro, através do GT, tem o intuito de estimular o pensamento e as habilidades sociais do sujeito, cujas experiências vividas no grupo desvelaram-se como referência para as situações reais do cotidiano, extrapolando a vivência e incorporando-a ao seu dia a dia. Possuem, também, o intuito de empoderar os sujeitos como “atores de sua própria história”, protagonizando sua existência de forma consciente e produtiva, bem como valorizando as dimensões dos processos de subjetivação. As atividades da oficina funcionam com o que se pode caracterizar como uma “extensão” da clínica, na qual o efeito terapêutico, além do cunho psicossocial, pode possibilitar o posicionamento do paciente como sujeito [14].

O uso de jogos teatrais e atividades de improvisação a partir do GT despontou potencialidades frente à complexidade do cuidado na saúde mental. O teatro promoveu o processo de comunicação do indivíduo com si mesmo, do indivíduo com o grupo e do grupo com cada indivíduo. Além disso, quanto mais efetivo for o processo de comunicação, mais perspectivas terapêuticas surgem no nível interdisciplinar. Isso acontece porque a improvisação possibilita que o indivíduo entre em contato com o ambiente e com o outro, atuando sobre o ambiente e permitindo que os outros atuem sobre a realidade vigente, como acontece no jogo [24].

É necessário considerar que a pobre expressão corporal e a capacidade comunicativa limitada são características presentes nos portadores de transtorno mental, por isso pode-se afirmar que o teatro ajuda o crescimento pessoal e é um caminho para a superação dos próprios limites [18]. A utilização do corpo e seus desdobramentos como ferramenta de comunicação possibilita uma melhor utilização das funções cognitivas,

estimulando a criatividade e espontaneidade, características inerentes a esse processo.

O trabalho corporal pode desenvolver a propriedade de recriar o prazer em relação às fontes de conflitos, o prazer de recitar e de mostrar-se, restabelecendo o equilíbrio do diálogo interior com o exterior, ocasionando a autoanálise das vivências que surgem no percurso cotidiano. Assim, observou-se que as oficinas estruturadas da forma descrita neste estudo permitiram alcançar o reforço e a consolidação das funções do “eu”, aumentando o autoconhecimento e o equilíbrio entre tensões internas e externas [9].

Em meio às atividades relacionadas às artes, o paciente tem alternativas de encontrar um posicionamento mais saudável, na medida em que a atividade possibilita separar a imagem formada pelos próprios desejos e temores da realidade cotidiana. Nos jogos teatrais, a imaginação é uma oportunidade para que isso aconteça, criando condições de experimentação da liberdade, permitindo-se acessar a autoconsciência e ter um contato direto com o ambiente e o mundo real [17; 24].

Essas mesmas atividades teatrais proporcionam percepções em âmbitos físicos, mentais e ambientais, que favorecem a autoafirmação do indivíduo com transtorno mental dentro de um espaço que é simulado, mas que se assemelha à sociedade, com os mesmos desafios, cobranças, inquietações, dúvidas e sentimentos que o paciente encontrará ao sair do serviço de assistência. Portanto, o teatro torna-se uma ferramenta saudável de enfrentamento diante dos estressores com os quais esse indivíduo conviverá no mundo real.

A relação do participante com o facilitador do jogo é focada na solução de problemas desenvolvidos nas oficinas de trabalho. Esse formato elimina a necessidade de análise ou intelectualização do trabalho do participante de acordo com os critérios do facilitador, estabelecendo uma independência mútua para a aquisição do conhecimento. Além disso, é proporcionado aos indivíduos o contato direto com o material e, consequentemente, a possibilidade de desenvolvimento de relacionamentos entre eles em vez de dependência entre facilitador e participantes [24].

Pôde-se verificar que, ao estimular diferentes habilidades gerais, tais como criatividade, atenção, orientação, memória, raciocínio, reflexão, sensibilidade, expressão vocal e corporal, criaram-se elementos para uma relação profissional-paciente mais flexível e mais contextualizada. Ademais, através da valorização dos participantes, foi possível despertar sentidos, emoções e trocas de vivências, bem como estimular o pensar e o desenvolvimento cognitivo-comportamental e as habilidades sociais de cada um, cujas experiências vividas no grupo tornaram-se referências para as situações reais do cotidiano, conforme relatos dos participantes do GT.

Essa transposição do processo de aprendizagem para o cotidiano torna-se possível através do despertar sensorial, da consciência, da criatividade e da espontaneidade catalisados pelas atividades teatrais. De acordo com a literatura, essas características, ao serem exploradas, tornam-se naturais quando o indivíduo retorna ao convívio social exterior [11; 23].

Os benefícios percebidos neste *projeto* integram o conjunto de outras experiências exitosas com o teatro nos diversos ambientes. Estudos mostraram que a utilização de jogos teatrais trouxeram benefícios, como no ensino de saúde mental para estudantes de Enfermagem, por permitir a inovação da capacidade de percepção do

outro [8]; por contribuir na elevação da autoestima, autoconhecimento e melhora nas relações interpessoais [15]; por ajudar os indivíduos com transtorno mental no desenvolvimento de estratégias para lidar com as dificuldades do dia a dia [20] e; por ser uma importante ferramenta para romper as dificuldades de interação social, comunicação e inflexibilidade dos padrões de pensamento de crianças portadoras de espectro autista [13; 3].

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das experiências vivenciadas na execução do projeto “Teatro e Saúde Mental”, percebeu-se que as oficinas proporcionam um ambiente favorável e facilitador de aprendizagem e de aprimoramento das habilidades cognitivas e criativas dos usuários do serviço de saúde mental. A comunicação, através da linguagem teatral (verbal e não verbal) e do compartilhamento de experiências, ressignifica aspectos saudáveis da vida do sujeito, quando ele interpreta papéis que, depois, refletem no seu dia a dia através da transposição de vivências.

Foi possível observar que os estímulos da criatividade, atitude, sensibilidade e curiosidade, assim como a troca que acontece entre os usuários e os facilitadores criam elementos para uma relação mais flexível e mais contextualizada, sendo um ambiente de trocas de experiências e vivências tanto para quem coordena como para quem participa.

Percebeu-se que o teatro é um instrumento de promoção de mudança social, por isso considera-se importante utilizá-lo com maior frequência nos ambientes clínico e terapêutico, bem como estimular o interesse de mais pesquisadores da Saúde para realizarem abordagens sobre os impactos da arte nesses contextos.

REFERÊNCIAS

- [1] ALMEIDA, W.C. **Rodapés psicodramáticos**: Subsídios para ampliar a leitura de J. L. Moreno. São Paulo, Editora Agora, 2012.
- [2] BECKER, M.; RABIN, R. Workplace rights: a popular theater performance. **New Solution**, Denver, v. 24, n. 2, p. 195-201, 2014. ISSN 1541-3772. Disponível em: < <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/25085830> >. Acesso em: 18 mar. 2016.
- [3] BRODZINSKI, E. **Theatre in health and care**. London: Palgrave Macmillan, 2010. DOI: 10.2190/NS.24.2.e
- [4] CAMARGO, RAA.; BUENO, M. V. S. O teatro na formação do enfermeiro. **Rev. Baiana de Enfermagem**. Salvador, V. 26, N. 1, p.347-362, jan./abr, 2012.
- [5] CORBETT, B. A. *et al.* Improvement in social deficits in autism spectrum disorders using a theatre-based, peer-mediated intervention. **Autism Res**, Hoboken, V. 7, N. 1, p. 4-16, Feb 2014. Disponível em: < <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/24150989> >. Acesso em: 20 mar. 2016. DOI: 10.1002/aur.1341
- [6] CORBETT, B. A. *et al.* Improvement in Social Competence Using a Randomized Trial of a Theatre Intervention for Children with Autism Spectrum

- Disorder. **J Autism Dev Disord**, New York, V. 46, N. 2, p. 658-672, 2016. DOI: 10.1007/s10803-015-2600-9
- [7] DIÓGENES, M. A. R.; LINARD, A. G.; TEIXEIRA, C. A. B. Comunicação, acolhimento e educação em saúde na consulta de enfermagem em ginecologia. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste-Rev Rene**, Fortaleza, V. 11, N. 4, p. 38-46, 2010.
- [8] FERREIRA, C. R. P. *et al.* O uso de jogos teatrais como instrumentos de ensino de enfermagem em saúde mental. **Saúde & Transformação Social**, Florianópolis, V. 4, N. 4, p.30-37, 2013.
- [9] FURLAN, P. M. *et al.* Terapias Expressivas: Teatro. **Journal of Nursing and Health**, Pelotas, V. 2, p. 169-174, 2012.
- [10] GALLETI, M. C. **Oficina em saúde mental**: instrumento terapêutico ou intercessor clínico? Goiânia: Ed. Da UCG. 146 p. 2004.
- [11] GHERARDI-DONATO, E. C. S. *et al.* Teatro e Saúde Mental: Experiência de Usuários em Hospital-Dia. **Saúde & Transformação Social**, Florianópolis, V. 2, N. 1, p. 121-126, 2011.
- [12] GUERREIRO, N. Estás onde? Reflexões sobre autobiografia e auto-ficção nas práticas artísticas contemporâneas. **Cadernos PAR**, Leiria, n. 4, p. 125-138, 2011. Disponível em: < https://www.iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/407/1/Par4_art10.pdf >. Acesso em: 18 mar. 2016.
- [13] HARTIGAN, P. Using theatre to teach social skills. **Education Digest**, Ann Arbor, V. 77, N. 9, p. 30, 2012.
- [14] MENDONÇA, T. C. P. As oficinas na saúde mental: relato de uma experiência na internação. **Psicol. cienc. Prof**, Brasília, V. 25, N. 4, dez. 2005. DOI: 10.1590/S1414-98932005000400011
- [15] MORAN, G. S.; ALON, U. Playback theatre and recovery in mental health: Preliminary evidence. **The Arts in Psychotherapy**, V. 38, N. 5, p. 318-324, 2011. DOI: 10.1016/j.aip.2011.09.002
- [16] NGONG, P. A. Interpersonal and Communication Skills Development in Therapeutic Theatre. **GSTF J Media Commun**, Singapore, V. 2, N. 1, p. 1-5, 2014.
- [17] RIBEIRO, S. F. R. Grupo de expressão: uma prática em saúde mental. **Rev. SPA-GESP**, Ribeirão Preto, V. 8, N.1, jun. 2007.
- [18] RODRÍGUEZ, M. F.; MORA, P. G.; IGLESIAS, O. B. El teatro como instrumento terapéutico en la rehabilitación psicosocial. **Norte de Salud mental**, País Vasco y Navarra, V. 11, N. 46, p. 82-88, 2013.
- [19] SEGRIN, C.; TAYLOR, M. Positive interpersonal relationships mediate the association between social skills and psychological well-being. (Author abstract). DOI: 10.1016/j.paid.2007.01.017 **Personality and Individual Differences**, London, V. 43, N. 4, p. 637, 2007.
- [20] SILVA, M.L.; RACCIONI, T.M. Oficinas de teatro como recurso terapêutico ocupacional em um serviço residencial terapêutico. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, V.26, N.2, p.267-273, 2015. DOI: 10.11606/issn.2238-6149.v26i2p267-273
- [21] SLADE, P. **O jogo dramático infantil**. São Paulo: Summus, 1978.

- [22] SNYDER-YOUNG, D. **Theatre of good intentions: challenges and hopes for theatre and social changes**. London: Palgrave Macmillan, 2013.
- [23] SPOLIN, V. **O fichário de Viola Spolin**. Editora Perspectiva: São Paulo, 2001.
- [24] _____ **Improvisação para o teatro**. Ed. 6. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- [25] TODD, S. Practicing in the Uncertain: Reworking Standardized Clients as Improv Theatre. **Social Work Education**, UK. V. 31, N. 3, p. 302-315, 2012. DOI: 10.1080/02615479.2011.557427

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a equipe multiprofissional do Hospital Dia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo de Ribeirão Preto.

EDILAINÉ CRISTINA SILVA GHERARDI-DONATO professora associada do Departamento de Enfermagem Psiquiátrica da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (EERP-USP).

MARIA NEYRIAN DE FÁTIMA FERNANDES professora assistente da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), doutoranda em Ciências pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (EERP-USP) – e-mail: neyrianfernandes@gmail.com

CARLA ARAUJO BASTOS TEIXEIRA doutoranda em Ciências pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (EERP-USP).

LARISSA BESSANI HIDALGO GIMENEZ doutoranda em Ciências pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (EERP-USP).

VINÍCIUS SANTOS DE MORAES graduando em Fisioterapia pelo Centro Universitário Barão de Mauá (CBM).